

Como as sacolas plásticas contribuem para preservar o meio ambiente

FRANCISCO DE ASSIS ESMERALDO

Bem intencionadas, as pessoas que preconizam a extinção das embalagens plásticas não se dão conta da grande contribuição que deixaria de ser dada ao combate às mudanças climáticas e à preservação do meio ambiente se tais embalagens deixassem de existir.

Estudo do Cetea (Centro de Tecnologia da Embalagem) do Itai (Instituto de Tecnologia de Alimentos) mostra que embalagens plásticas bem dimensionadas reduzem a perda de alimentos, evitam sua contaminação, aumentam a segurança alimentar e possibilitam a ampla distribuição de gêneros alimentícios entre todas as camadas da população.

O consumo de recursos naturais e a quantidade de energia empregada na fabricação de embalagens plásticas são muito menores do que os utilizados na produção de alimentos e em sua industrialização. Portanto, segundo o mesmo estudo, os danos causados ao meio ambiente em termos de emissão de gases de efeito estufa quando os alimentos são desperdiçados por não serem acondicionados corretamente em embalagens plásticas bem dimensionadas são muito superiores aos ocasionados pela produção das mesmas embalagens.

Uma sacola plástica corretamente confeccionada dentro das normas técnicas protege os alimentos no transporte até os domicílios, evitando assim perdas. E desperdiçar alimentos jogaria pelo ralo todos os recursos naturais e energéticos empregados na produção dos mesmos.

Esta, entretanto, não é a única contribuição das sacolas plásticas à diminuição das emissões de gases de efeito estufa. Por serem 100% recicláveis, as sacolinhas permitem uma reutilização permanente, o que por sua vez evita utilizações de mais recursos naturais e energia para confeccionar novas sacolas.

Ao viabilizar a redução do consumo de sacolinhas plásticas por meio do atendimento às normas técnicas e do incentivo à reutilização e reciclagem, o Programa de Qualidade e Consumo Responsável de Sacolas Plásticas já sensibilizou a população. Em 2008, primeiro ano de implementação do programa, houve uma redução de 10,5% no número de sacolas fabricadas. No primeiro semestre de 2009, a redução subiu para 16,2%, na comparação com o mesmo período do ano passado. Isto significa que, de 17,9 bilhões de sacolinhas fabricadas em 2007, o Brasil passou para 16,4 bilhões em 2008. Para 2009, a previsão é de 15 bilhões.

Os números mostram que são possíveis reduções ainda maiores, como preconiza o programa de iniciativa da Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos, do INP (Instituto Nacional do Plástico) e Abief (Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Flexíveis).

A contribuição das sacolas plásticas à sustentabilidade não para aí. Resíduos domésticos acondicionados nessas embalagens evitam contaminação e mau cheiro, não atraem insetos e roedores e asseguram a saúde pública. Mesmo que essas sacolas não possam mais passar por uma reciclagem mecânica, elas podem servir de combustível em processos de produção de energia ou calor a partir do lixo urbano.

Quando isso acontece, o alto poder calorífico do plástico economiza óleo diesel e, portanto, todos os recursos naturais e energia empregados em sua fabricação. Além disso, hoje os processos de produção de energia ou calor a partir do lixo urbano são seguros e controlados, evitando a emissão de gases tóxicos na atmosfera.

Nos municípios em que a reciclagem energética não for implementada, as sacolinhas que forem para os aterros sanitários também darão uma contribuição indireta ao meio ambiente. Por serem resistentes e duráveis, ainda vão fixar por décadas o carbono utilizado em sua fabricação, não colaborando para o aumento dos gases de efeito estufa.

Assim, se utilizarmos apenas as sacolinhas necessárias, preferindo aquelas fabricadas dentro das normas técnicas, reutilizando-as inúmeras vezes e reciclando-as, e se impulsionarmos a recuperação energética, estaremos dando uma contribuição inestimavelmente mais significativa ao meio ambiente do que se propuséssemos o banimento das sacolas.

Francisco de Assis Esmeraldo é eng^o químico, presidente da Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos, membro do Conselho Superior de Meio Ambiente da FIESP, do Conselho Empresarial de Meio Ambiente da FIRJAN (RJ) e do Conselho Executivo da Associação Brasileira de Embalagens (ABRE).

Data: 23/11/09